

Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares

SILVA, Aldo A. Dantas da; GALENO, Alex. (Orgs.). *Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004. 334p.

Jörn Seemann

Universidade Regional do Cariri (URCA)

A coletânea *Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares* aborda a Geografia, sua complexidade, sua multidimensionalidade e as possíveis (re)ligações transdisciplinares sob a ótica da ciência, da filosofia e da arte. O livro contém um texto introdutório e 11 ensaios que, de uma maneira direta ou indireta, se preocupam com o que Edgar Morin nomeia de *complexus*, um tecido de conhecimentos formado por diferentes fios (de diferentes áreas e disciplinas) que se transformaram numa só coisa e que se entrelaçam e se entrecruzam para formar a unidade da complexidade sem destruir a variedade e a diversidade (MORIN, 2002, p. 177).

Embora os textos se baseiem em diferentes aportes teórico-metodológicos, desde o conceito de complexidade de Edgar Morin, a fenomenologia de Merleau-Ponty e "clássicos" da geografia humana como Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache até o olhar através do cinema, relatos de viagens, biografias, poemas e arte cênica, os autores dos ensaios têm um pensamento em comum: uma inquietação a respeito das ciências como um conjunto de sistemas fechados de disciplinas e a preocupação com a complexidade da Geografia como suporte epistemológico e desafio para as ciências.

Maria da Conceição Almeida do Grupo de Estudos da Complexidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte escreveu uma introdução à temática na qual traça um "mapa inacabado" da complexidade ao detalhar o contexto e as circunstâncias do termo, descrever as suas características principais e avaliar o estado da arte das ciências da complexidade nos tempos atuais.

Michel Roux, por sua vez, realiza uma crítica ao conceito de território com sua aparente objetividade, sua lógica e seu poder explicativo para contrapor esse modo de pensar a uma poética do espaço com as suas subjetividades e emoções, igualmente importantes para o planejador e *expert* para compreender e organizar territórios.

O texto de Marcos Bernadino de Carvalho (originalmente publicado na revista eletrônica *Scripta Nova* da Universidade de Barcelona em 1999) tem como intuito a investigação das origens do processo de institucionalização das diversas fronteiras disciplinares no passado para encontrar espaço para o diálogo e o

trânsito no ambiente transdisciplinar atual. Para essa finalidade, o autor apresenta elementos da obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel que se revela como um precursor da complexidade no final do século XIX ao apresentar uma perspectiva *bologética* (abraçadora) e uma "biogeografia universal" para coligar e conectar a vida orgânica, a existência humana e sua cultura e a natureza.

Aldo Dantas da Silva se inspira na obra do geógrafo francês Paul Vidal de Blache para debater a conexidade entre a natureza, a natureza humana e a cultura a partir dos conceitos de região, gênero de vida e meio os quais permitem uma articulação conexa entre todos os traços e fenômenos, indo além da mera descrição de fatos geográficos.

O espaço vivido, a geografia das representações e algumas reflexões do filósofo e crítico literário russo Mikhail Bakhtin representam o ponto de partida para Saleté Kozel enfocar imagens além da expressão cartesiana do espaço, dando ênfase aos mapas mentais.

Dirce Suertegaray discute a tríade *geografia, educação e pensamento complexo* sob a premissa da unicidade da geografia na sua diversidade através do conceito de ambiência que é visto como um processo de conhecimento-transformação do mundo e construção de práticas.

A *geograficidade* de Eric Dardel, a fenomenologia de Merleau-Ponty e as reflexões dos geógrafos humanísticos Tuan, Buttimer e Relph servem como base para o texto de Amélia Regina Batista Nogueira sobre as várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes a partir das nossas experiências ("pré-científicas") de perceber, viver e construir lugares.

Eugênia Maria Dantas enfatiza o potencial da geografia como ciência da complexidade capaz de tecer um conhecimento ancorado na interface de outros saberes, religar linguagens, reorganizar sentidos e comungar idéias apesar de a geografia não ter desenvolvido uma formulação epistemológica consistente acerca dessa problemática.

O texto de Maria Helena Braga e Vaz da Costa discute a imagem da cidade enquanto representação a partir do filme *Matrix*, argumentando que a revolução tecnológica e as sofisticadas formas de comunicação também acarretam em uma nova conceitualização do tempo e do espaço e que o ato de ver chega a ser um ato tecnológico, uma fusão do olho com a lente da câmera.

Alex Galeno, por sua vez, retrata as geografias interiores e delirantes do escritor e poeta francês Antonin Artaud e constata que a nossa existência é uma espécie de geografia: somos corpos geográficos e produzimos uma geografia que se realiza em dos planos: através dos mapas reais e mediante de uma micro-cartografia do imaginário, do poético e dos sonhos.

A penúltima contribuição da coletânea é de Maria de Fátima Rodrigues que escolheu a Carta de Pero Vaz de Caminha como ponto de partida para refletir sobre as origens e os mitos da palavra *sertão* e sua importância para a construção da brasilidade e da delimitação das fronteiras nacionais.

Anelino Francisco da Silva reflete sobre a espacialidade da religião e o fato religioso no sentido *durkheimiano* e sob a influência das representações sociais e descreve características do desenvolvimento da catolicidade e do catolicismo no passado e no mundo contemporâneo.

Graças à obra seminal de Edgar Morin, as discussões sobre a complexidade estão chamando cada vez mais atenção entre os cientistas. Longe de ser um tema da moda ou de fazer parte de uma das correntes pós-modernas ou pós-estruturalistas, essa fundamentação filosófica representa uma maneira de mostrar como conviver com as incertezas e a complexidade nas ciências que não podem ser reduzidas a modelos e verdades absolutas. É preciso compreender a complexidade sem ter a prepotência de querer encontrar A SOLUÇÃO, O MODELO ou A VISÃO. Anuncia-se o fim das certezas (PRIGOGINE, 1996), e quando estamos mais próximos das incertezas, também estamos mais próximos da complexidade.

Os textos da coletânea criticam a visão redutora das ciências e os (d)efeitos da sua compartimentação e defendem um diálogo entre imaginação e verificação, empirismo e realismo, não como projeto interdisciplinar, mas transdisciplinar, já que "a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas como a ONU controla as nações. Cada disciplina prefere primeiro fazer reconhecer a sua soberania territorial" (MORIN, 2002, p. 135). A transdisciplinaridade, por sua vez, ganha a conotação de "um paradigma que (...) permite distinguir, separar, opor e, portanto, dividir esses domínios científicos, mas que possa fazê-los se comunicarem sem operar a redução" (idem, p. 138).

Sob essa premissa, a geografia não deve ser vista como a "rainha das ciências", ciência de síntese ou como visão holística do mundo, mas como disciplina que através dos seus conceitos como espaço, lugar, território, região e paisagem pode levar a uma (re)ligação e conectividade entre os mais diversos aspectos da vida humana e da natureza neste planeta.

Parece que não foi por acaso que a escolha da capa do livro caiu no quadro *O Geógrafo* do pintor holandês Jan Vermeer (1668/69). Talvez seja devido à sua forte carga simbólica que essa obra de arte já tinha aparecido nas capas de pelo menos duas outras publicações geográficas: na edição temática dos Cadernos do CEDES (2003) sobre atlas municipais escolares e na *Geographical Tradition* de David Livingstone (1992) – neste último livro a janela fica "corretamente" no lado esquerdo e não no lado direito do geógrafo como foi feito na versão invertida da capa da coletânea. O globo terrestre e as cartas náuticas no quadro simbolizam o mapeamento de mundos ainda não explorados pelos aventureiros, comerciantes e geógrafos do século XVII, enquanto o compasso, instrumento de medição para o geógrafo, está apontando para o corpo do cientista, implicando a necessidade de mapear o percurso de cada um pelo mundo e simbolicamente pela vida.

Mapas, mapeamentos e cartografias também são vocábulos que freqüentemente conduzem os textos da coletânea e se tornam verdadeiras metáforas do "fazer geografia" e da vida humana em toda sua complexidade para abrir

espaço para outros saberes, visões alternativas, linguagens diversas e geografias múltiplas. Neste sentido, a coletânea trata menos de uma geografia do espaço geográfico e mais de geografias da mente e representa uma contribuição importante para compreender a geografia e seu potencial epistemológico no cenário atual das ciências, uma visão tolerante e aberta para o diálogo (sobretudo com correntes filosóficas mais dogmáticas).

Referências bibliográficas

- CADERNOS CEDES. *Formação de professores e atlas municipais escolares*. Campinas, SP: CEDES, v. 23, n. 60, agosto 2003, p. 131-254. Edição temática.
- LIVINGSTONE, David N. *The geographical tradition. Episodes in the History of a contested enterprise*. Oxford: Blackwell, 1992.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.